

Interseccionalidade nas relações de trabalho: Design de Moda e Interiores

ALVES, Aline Kedma Araujo; Universidade de São Paulo; alinekedma@usp.br¹
HIDAKA, Lucilene Mizue; Universidade de São Paulo; lucihidaka@usp.br²
SANTOS, Maria do Carmo Paulinos dos; Universidade de São Paulo; mducarmo@usp.br³

1. Apresentação do tema

A moda e o design de interiores são áreas que herdaram estigmas femininos por conta da construção histórico-social em torno da vida doméstica e atividades manuais (têxteis e decorativas) às quais as mulheres foram submetidas. Observa-se que os ofícios contemporâneos dentro dessas áreas costumam ser igualmente gendrados e racializados. O objetivo desta atividade foi discutir sobre as relações de trabalho nestes dois campos, utilizando a interseccionalidade como abordagem. Adota-se como ponto de partida, a observação de que o trabalho de criação nessas

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Design FAU-USP. Designer e pesquisadora dos temas: história do design de interiores, cultura material e estudos de gênero. Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da UFBA (2019), especialista em Metodologia e Docência do Ensino Superior (2018) e designer de Interiores graduada pela Escola de Belas Artes/ UFBA (2015). Integrante do Lab 20 - Laboratório da Arquitetura e do Urbanismo do século XX da FAU UFBA, do grupo de pesquisa "Arte & Política" vinculado ao PPGAV - UFBA, grupo de estudos em Cultura Material e grupo de pesquisa Modos de morar e domesticidades - FAU USP.

² Mestranda em Têxtil e Moda pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. Graduada em Desenho Industrial com habilitação em Programação Visual pela Faculdade de Artes Arquitetura e Comunicação - UNESP (2002). Seus principais temas de interesse são: *upcycling* de resíduos têxteis pós-consumo, estudos de gênero, mundo do trabalho e educação popular. Desenvolve um trabalho de *upcycling* de jeans e alfaiataria pós-consumo que pode ser visto em hidaka-upcycling.com.br. Tem 20 anos de experiência como designer e diretora de arte.

³ Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e em Design pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Mestre em Ciência no PPG - Têxtil e Moda pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP (2019); Especialista em Desenho de Moda e Criação - Faculdade Santa Marcelina (2014) e em Docência no Ensino Superior - Universidade Estácio de Sá (2015). Graduada em Desenho Industrial - Universidade Guarulhos (1998).

duas áreas de atuação é realizado majoritariamente por pessoas brancas e privilegiadas socioeconomicamente, enquanto que a execução de serviços, é realizada por pessoas não-brancas de classes mais baixas. Procura-se contribuir para os estudos de gênero, especificamente sobre interseccionalidade no campo do design. O resultado esperado foi trazer discussões que provocassem os participantes a pensar sobre a atuação da e do designer dentro do cenário contemporâneo e quais alternativas para equidade podem ser geradas nesses campos.

Palavras-chave: Interseccionalidade de gênero, raça e classe; Relações de trabalho; Design de Interiores e Design de Moda.

2. Justificativa e relevância

O design tem sido, desde a sua origem como disciplina, vinculado à produção industrial e a um modo de fazer técnico. Estes valores têm sido relacionados analogamente à capacidade lógica, metodológica, processual e a uma atuação masculina, sendo este último aspecto reforçado pela desigualdade no percentual de participação entre homens e mulheres e suas respectivas contribuições dentro da historiografia do design. De um lado, designers homens consagrados, de outro, designers mulheres invisibilizadas, cuja presença são exceções e muitas são as lacunas sobre as suas trajetórias. Desta maneira, a incorporação da crítica sob a perspectiva dos Estudos de Gênero no campo do design é essencial e se faz urgente para o contexto contemporâneo.

Assim como a historiografia da arte que contou com forte crítica feminista sobretudo nos anos 1970-80 nos Estados Unidos com as teóricas expoentes Griselda Pollock (1999), Linda Nochlin (2016) e outras, o Design necessita fazer uma crítica

historiográfica e epistemológica⁴, e rever seus processos de qualificação para que a atuação profissional neste campo seja cada vez mais igualitária.

Para tanto, principalmente no Brasil, país marcado por desigualdades sociais, faz-se necessário adotar conforme Crenshaw (2015) a interseccionalidade como categoria de análise, pois nos permite pensar sobre identidade e a suas relações de poder contextualizando gênero, raça e classe. E assim, compreender as interações nas relações de trabalho no campo do design de interiores e da moda, considerados afazeres femininos, decorrente da construção social imposta às mulheres ao longo da história.

Durante a história, o trabalho de cuidado com a casa e filhos foi destinado às mulheres, sendo impossibilitadas de participar da vida pública e política. Foi o patriarcado que definiu que as mulheres levam jeito para atividades ligadas à decoração e manualidades têxteis (BUCKLEY, 1986). Para Parker e Pollock (2013) a estrutura de divisão sexual do trabalho distingue arte de artesanato e desenho industrial de artes manuais, sendo arte e desenho industrial apropriado para homens e, artesanato e artes manuais, para mulheres.

Observa-se, portanto, que na contemporaneidade, os ofícios dentro da moda e interiores costumam ser racializados e gendrados, onde o trabalho de criação, de publicidade, negócios e relações públicas são realizados majoritariamente por homens ou mulheres brancas com melhor poder aquisitivo e cultural, enquanto a produção/execução de serviços, são realizados por pessoas não-brancas, de classes mais baixas. Se observarmos como essa relação se dá no mundo, temos o trabalho criativo sendo feito nos grandes centros capitalistas do Norte global enquanto a execução dos produtos são feitas em países periféricos do Sul global.

⁴ Apesar de minoria no campo, algumas publicações têm trabalhado com a perspectiva de revisão feminista no design por meio de obras como *Design and Feminism: re-visioning spaces, places, and everyday things* (ROTHSCHILD, et al., 1999); *Women Designers in the USA, 1900-2000: Diversity and Difference* (ATKINS; KIRKHAM, 2000); *A Woman's Touch: Women in Design from 1860 to the Present Day* (ANSCOMBE, 1984); *Women's Places: architecture and design 1860- 1960*. (MARTIN; SPARKE, 2003) e *As long as it's pink: the sexual politics of taste* (SPARKE, 1995), *Made in Patriarchy II: Researching (or Re-Searching) Women and Design* (BUCKLEY, 2020).

Quando falamos da moda, consideramos toda a extensão da cadeia produtiva, pois é composta de muitos elos, envolve desde a plantação do algodão, a produção dos fios, dos tecidos, tingimento, criações de coleções, modelagem, pilotagem, costura, produção, distribuição, varejo, publicidade, marketing, consumo e reciclagem. Assim como no design de interiores, também existe uma rede de profissionais que trabalham desde a criação até a execução da obra, na área criativa ou no campo da construção civil e comércio. Como os e as designers, decoradores, paisagistas e arquitetos, sejam profissionais autônomos ou ligados à escritórios ou outras empresas, fábricas fornecedoras de insumos para este segmento, lojistas, pedreiros, pintores, vidraceiros, gesseiros, marceneiros, montadores de móveis, tapeceiros, costureiros, etc.

As mulheres colonizadas e de cor, ou seja, categorizadas como mulheres pretas e as não-brancas, chamadas de hispânicas, asiáticas, nativa-americanas e *chicanas*⁵, foram inferiorizadas de forma violenta, pelo sistema de gênero moderno/colonial, em todas as áreas da existência (LUGONES, 2008).

O processo de colonização no Brasil, além de instituir a supremacia entre a raça branca em detrimento da não-branca, estabeleceu-se também as divisões de trabalhos entre brancos e negros e, entre homens e mulheres. Os ofícios de mestres só poderiam ser realizados por homens brancos, enquanto os homens negros realizavam os trabalhos braçais que eram determinados pelos colonizadores. Neste período, as mulheres brancas se ocupavam da administração da casa, enquanto as mulheres negras escravizadas realizavam os serviços domésticos que compreendiam cuidar da casa, dos filhos dos colonizadores, das roupas e seus corpos eram usados como amas de leite (FLEXOR, 2013).

A desigualdade racial com recorte de gênero, também foi objeto de pesquisa de Preta Rara (2019) ao dar voz e visibilidade a diversas mulheres negras

⁵ “Chicana” é o termo utilizado para designar mulheres norte-americanas de origem mexicana.

trabalhadoras na área de serviços domésticos. Este estudo demonstrou o quanto as questões de gênero e raça perduram até os tempos atuais no Brasil.

Diante do contexto apresentado, essa proposta de Conversação se propôs a discutir e refletir sobre as relações de trabalho enquanto designers, quais as responsabilidades sociais e limites da atuação e como podemos ampliar as possibilidades profissionais nos diversos âmbitos do design de interiores e da moda. E, com isto, instigar pesquisadores(as), professores(as), profissionais da área e o público em geral a proporem alternativas assertivas para mitigar as desigualdades existentes nestes campos fomentando a equidade de gênero, raça e classe entre as relações de trabalho nestas áreas para um futuro próximo, mais justo e humanizado.

2.1. Interseccionalidade

Embora Crenshaw (2015), pesquisadora da área do Direito, tenha cunhado o termo “interseccionalidade” em 1989, e que diz respeito às categorias de gênero, raça e classe, para poder defender, como jurista, as mulheres negras que sofrem diversas camadas de opressão; o conceito se originou no movimento *Black Feminism*, na década de 1970, por meio das autoras Patrícia Hill Collins, Audre Lorde, Angela Davis (2016), bell hooks (2021), dentre outras pesquisadoras e militantes negras americanas. Antes disso, Sojourner Truth, com seu discurso *Eu não sou uma mulher?* proferido em 1851, já trazia os princípios do pensamento interseccional, que propõe a não hierarquização das categorias gênero, raça e classe.

Henning (2015) salienta ainda que os debates interseccionais foram gestados sobretudo a partir das lutas e teorizações dos movimentos feministas negros e lésbicos nos Estados Unidos e Reino Unido a partir dos anos 1970, tendo algumas de suas raízes, no entanto, remontando mesmo aos movimentos abolicionistas de mulheres do século XIX.

Lélia González (1984) aborda a interseccionalidade ao falar como a mulher negra foi tratada nesta sociedade patriarcal, ela explica que o processo de colonização criou um lugar subalternizado para a mulher negra: o lugar dos serviços domésticos e o lugar dos serviços sexuais, a partir da erotização deste corpo, que era explorado como ama de leite e violentado sexualmente pelo colonizador. E que a partir desta violência sexual é criada a exotização da mulata - e ressalta que o termo mulata vem de mula. Sendo estes estereótipos que até os dias de hoje, no século XXI ainda colocam a mulher negra em situação de maior vulnerabilidade fazendo-a sofrer duplo racismo.

Carla Akotirene (2019), feminista negra decolonial, atua na área de Serviço Social e desenvolve um trabalho com mulheres em situação de cárcere. Ela é autora do livro *Interseccionalidade*. Em uma entrevista com Djamila Ribeiro (autora das obras: *Lugar de Fala*; *Quem tem medo do feminismo negro*; é *Manual Antirracista* e, organizadora da coleção *Feminismos Plurais*), Akotirene (2019) explicou que no contexto atual o conceito de interseccionalidade vem sendo distorcido numa disputa de narrativas que está na oposição dos discursos antirracismo. Com a guerra cultural permeando as redes sociais, o tema interseccionalidade ganhou repercussão nos últimos cinco anos.

Akotirene (2019) explica que com a sistematização do termo interseccionalidade, realizado por Crenshaw (1989), em seu artigo *Desmarginalizando a intersecção de raça e de gênero*, transformou as pautas das mulheres negras num instrumento normativo, numa hermenêutica sensível capaz de dar conta das nossas experiências. Uma outra preocupação de Akotirene foi a de demonstrar que o padrão moderno neoliberal, eurocêntrico e imperialista, foi responsável por essas tecnologias que colocaram as mulheres negras mais vezes nas avenidas identitárias. Essa ideia 'avenidas identitárias' foi usada por Crenshaw. Com isso, Akotirene fala que nas avenidas do racismo, do sexismo, do capitalismo, do heteropatriarcado, a fusão dessas avenidas ao mesmo tempo com um fluxo intenso, permitiu que a mulher negra fosse acidentada e no entanto, o movimento

feminista não teve condições de socorrê-la. Isto porque veio ancorado apenas na categoria gênero e não em gênero, raça e classe (Idem, 2020).

Um outra discussão interessante sobre este tema pode ser visto nas pesquisas da nipo-brasileira Hirata (2014, p. 66), que traz o conceito de “interseccionalidade de geometria variável”, que pode “[...] incluir, além das relações sociais de gênero, de classe e de raça, outras relações sociais, como a de sexualidade, de idade, de religião etc”.

3. Objetivos da Conversação

O objetivo geral da atividade foi debater sobre as relações de trabalho no campo do design de interiores e moda, utilizando a interseccionalidade de gênero, raça e classe como abordagem. Explorando os seguintes aspectos como objetivos específicos: 1) Responder questionamentos referentes à dinâmica das relações de trabalho dentro desses campos; 2) compreender quem são os indivíduos que criam e produzem dentro destas áreas; 3) Identificar onde estão as pessoas não-brancas do design de interiores e na cadeia produtiva da moda; e 4) apontar alternativas para a mudança deste cenário.

4. Descrição da atividade

A atividade foi realizada no formato on-line, no dia 26 de outubro de 2022, das 16h às 18h, pela plataforma Google Meet. Para a divulgação do evento, criamos os *cards* com informações da Conversação e das proponentes, a partir do layout da P&D. Compartilhamos os *cards* no *Instagram* e *WhatsApp*. Para as inscrições usamos o site *Symppla.com.br*, que também permite uma análise de acessos.

Recebemos 35 inscrições pelo *Symppla*. No dia da Conversação, 10 inscritos compareceram. Enviamos um questionário para compreendermos o público que se inscreveu na atividade e obtivemos 10 respondentes:

- 90 % se considera Mulher Cis e 10% Homem Cis;
- 60% possuem entre 18 e 28 anos, 20% 30 a 41 anos e 20%, 42 a 53 anos;
- Sobre a raça, 60% de pessoas brancas, 10% preta, 10% morena latina e 20% parda;
- 70% são da região Sudeste, 20% do Nordeste e 10% do Centro-oeste;
- Das profissões mencionadas: empreendedora; designer de interiores; designer gráfico e pesquisador; designer de acessórios; estudante; designer de moda; consultoria de imagem e pesquisadora; docente e consultora; publicitária; e estudante de moda
- Formação: 50% ensino superior, 30% Mestrado, 10% Ensino médio e 10% ensino técnico;
- Área de atuação: 50% moda, 20% Interiores, 10% arquitetura e urbanismo, 10% atendimento publicitário, 10% Outras especialidades;
- Nenhuma pessoa se declarou como pessoa com necessidades especiais ou solicitou apoio audiovisual ou outras ferramentas de adaptação para o conteúdo.

Um dia antes do evento e meia hora antes do evento, disparamos um e-mail com o link do Google Meet. Preparamos uma apresentação e um roteiro com 12 perguntas norteadoras para provocar o debate. Ensaíamos com antecedência as falas e apresentação da atividade.

Iniciamos o encontro esclarecendo que se tratava de um espaço de conversa, um encontro horizontal e não uma palestra formal e que o objetivo era trocar experiências e perspectivas sobre as relações de trabalho, no design de moda e interiores, utilizando a interseccionalidade de gênero, raça e classe como lentes de análise. Depois sugerimos que as pessoas que se sentissem à vontade abrissem as câmeras, porque a nossa intenção ali era partilhar vivências e experiências. Poucas pessoas abriram suas câmeras, mesmo assim, demos sequência à conversa e iniciamos as nossas apresentações como proponentes da atividade, incluindo nossa



audiodescrição para que pudesse ser inclusiva para diversos públicos, posteriormente:

Olá boa tarde, eu sou Aline Kedma uma mulher parda, mestiça, nordestina, baiana. Tenho 29 anos, sou designer de interiores e também designer de experiência do usuário. (...) Vou me descrever também para quem tem baixa visão ou tem alguma dificuldade. Sou uma mulher, uso óculos, estou usando um batom vermelho e tenho a pele clara, estou com o cabelo solto e vestindo uma blusa e um colar de cor clara (Aline Kedma Araújo Alves, em 26/10/22 on-line na sala do *Meet* para a Conversação P&D 2022).

Boa tarde, sou a Lucilene, mulher asiática, descendente de japonês, tenho 42 anos e sou mãe. Visto uma blusinha vermelha, tenho cabelos pretos até o pescoço e uso franja até a altura das sobrancelhas. Nasci em São Paulo, mas vivi até a minha adolescência em Suzano. Me mudei para Bauru para fazer Desenho Industrial, na UNESP. Após formada, vim morar em São Paulo, por conta do trabalho. Sou designer gráfico e UI designer, trabalhei também durante muitos anos em grandes agências de publicidade como diretora de arte. Possuo um trabalho de upcycling de jeans e alfaiataria pós-consumo. Sou mestranda em Têxtil e Moda, na USP. (Lucilene Mizue Hidaka, em 26/11/2022 on-line na sala do *Meet* para a Conversação P&D 2022).

Olá, prazer estar aqui com vocês, eu sou Maria do Carmo, sou uma mulher negra de pele retinta, paulistana, e tenho 51 anos. Estou usando um turbante, que é símbolo de resistência das mulheres negras. Estou com uma túnica azul que trouxe da Turquia, uma viagem que acabei de fazer. Fui ao Instituto Tecnológico de Izmir apresentar um resumo da minha pesquisa. Esta foi a minha primeira viagem Internacional enquanto designer e doutoranda. Eu estou na sala de casa, atrás de mim sobre a estante tem algumas bonecas negras artesanais que amo. Eu tenho uma atuação muito grande na área da moda, trabalhei mais de 20 anos como modelista, designer de moda e também professora no ensino superior em algumas universidades. Atualmente, estou como professora de arte na rede estadual de educação. A minha primeira formação é em desenho industrial, com habilitação em programação visual. E a segunda pedagogia. Sou mestra em Têxtil e Moda pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. E hoje, sou doutoranda em Design na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (Maria do Carmo Paulino, em 26/10/22 on-line na sala do *Meet* para a Conversação P&D 2022).

Figura 1: Proponentes da Conversação



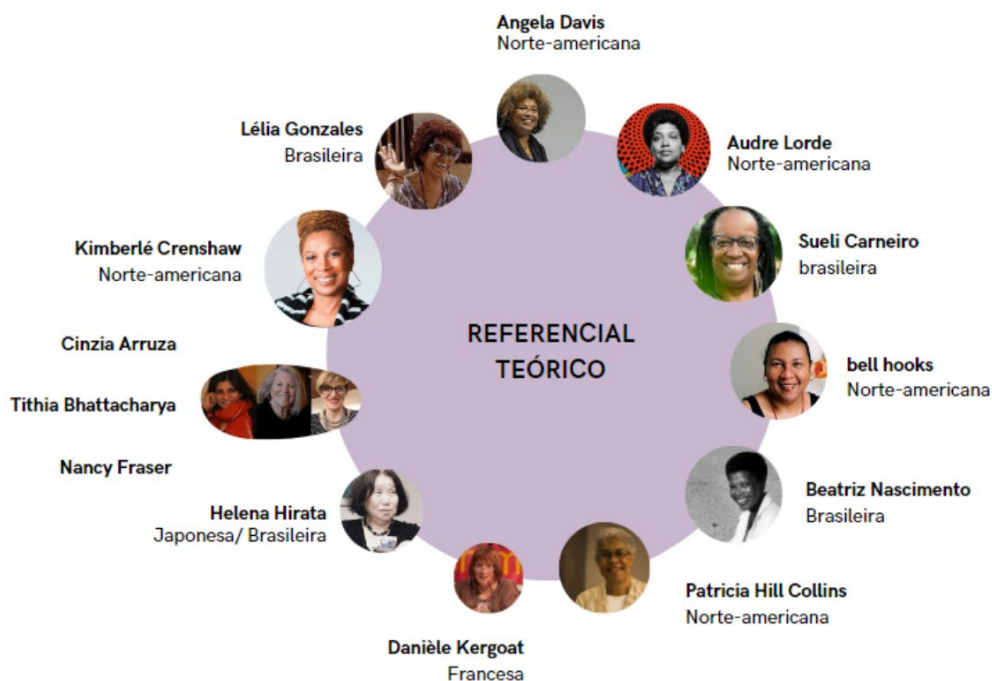
Aline Kedma Araújo Alves

Lucilene Mizue Hidaka

Maria do Carmo Paulino Santos

Depois das apresentações de cada palestrante, iniciamos uma breve explicação sobre os conceitos de interseccionalidade e algumas autoras que se debruçaram a pesquisar este tema, conforme figura 2:

Figura 2: Algumas autoras que trabalham com o conceito de Interseccionalidade

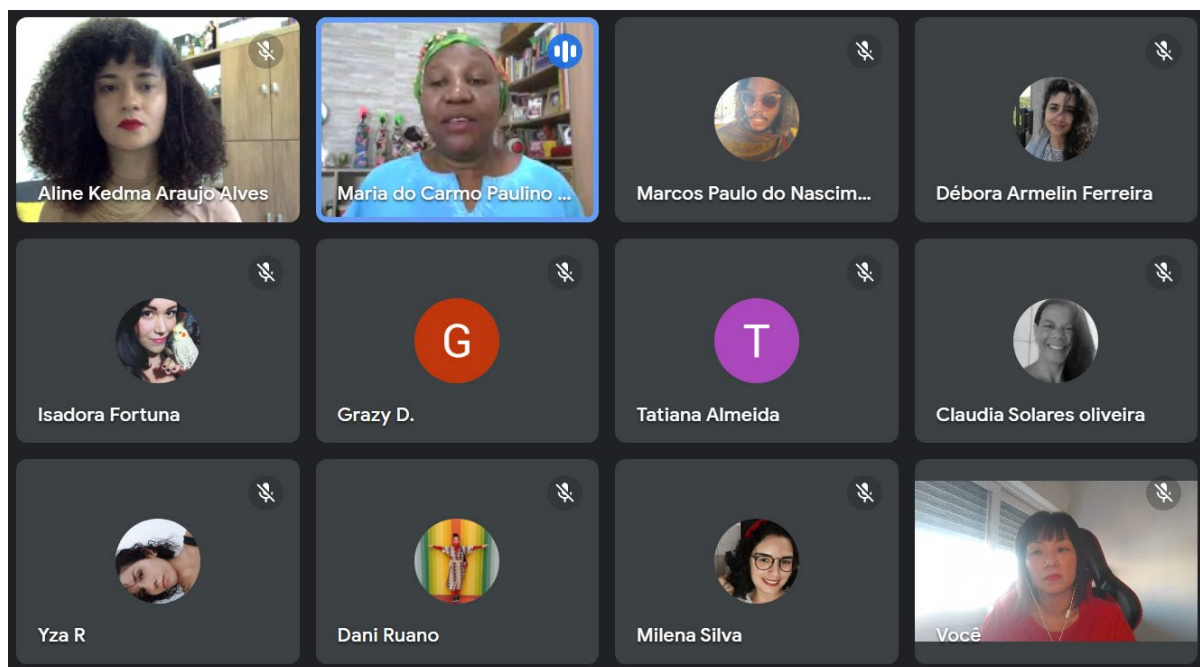


Fonte: Imagem das autoras, 2022.

Preparamos perguntas para provocar a participação dos inscritos, mas não foi preciso usá-las pois como os participantes não abriram as câmeras inicialmente (figura 3), pensamos que talvez a melhor maneira de estimular os participantes e fazê-los se sentirem à vontade, seria começando por compartilhar nossas próprias experiências pessoais e profissionais.

Começamos, então, a falar sobre nossas vivências e experiências profissionais nas áreas de Moda (Lucilene e Maria do Carmo) e Design de interiores (Aline), sob a perspectiva da interseccionalidade de gênero, raça e classe.

Figura 3: Captura de Tela dos Participantes da Conversação



Fonte: Imagem das autoras, 2022.

A partir do compartilhamento de nossas experiências, alguns participantes se manifestaram explicitando sua curiosidade ou necessidade de aprofundar sobre o tema da interseccionalidade, como é o caso de Cláudia quando comenta:

"Eu gostei, desse feedback de vcs, serve de motivação e saber dos preconceitos existentes, em relação a profissão design de interiores, parabéns pelos relatos, e diariamente em toda a minha trajetória educacional a cada dia enfrento um leão, mas enfim sofrer ataques preconceituosos eu tenho sempre em mente o caminho que tive que caminhar até agora, atualmente no sétimo semestre". (Claudia, em 26/10/22 on-line na sala do *Meet* para a Conversação P&D 2022)

De maneira mais específica como pessoa do campo do Design, Marcos comentou:

"É, eu tenho 26 aninhos, sou preto, graças a Deus, preto pretíssimo. Estou em uma fase da pesquisa em entender que o design, de querer lidar com design de uma maneira muito interdisciplinar, considerando muitos atravessamentos, muitas interseccionalidades, então eu falei, então, vamos, vamos sim, vamos ver o que a gente pode trocar. Quais são os laços que a gente pode fazer durante essa conversação que parece ser muito interessante, entre moda e interiores: espaços machistas, e as pessoas normalizam o assédio e trabalho excessivo com estresse". (Marcos, em 26/10/22 on-line na sala do *Meet* para a Conversação P&D 2022)

E Yza, comenta no chat, que "o que me trouxe aqui foi curiosidade, gosto de moda e design de interiores, gostaria de aprender novas perspectivas do mercado", e complementa em outro momento sobre as agências de publicidade, que "são conhecidas, infelizmente, pelo ambiente ruim de trabalho". A participante Débora comentou que sua intenção no encontro era aprender com as trocas, mas que por hora não tinha tanto a colaborar porque era nova nesses campos.

No campo do design de interiores e arquitetura, precisamos pensar por que não vemos as mulheres em posição de destaque ao longo da história, sendo uma área comumente ocupada majoritariamente. Na área de forma geral, os homens têm mais destaque.

Nos escritórios de design de interiores e campo arquitetônico em geral, as mulheres, quando em posição de destaque, ocupam muitas vezes, os cargos mais gerenciais e administrativos do que aqueles voltados à liderança.

Como um paralelo para elucidação do tema, foi comentado sobre a questão da comida, do cuidado, muitas vezes considerada como terapia, e o fazer comida é o que dá a base e sustentação da sociedade. A culinária é como se fosse fazer uma comida trivial, realizada pelas mulheres, já a gastronomia é uma comida sofisticada,

que aí precisa de uma de um conhecimento muito maior, realizada por um homem, geralmente branco, que vai ainda elucidar todo um posicionamento de autoria em suas criações. E aí percebemos também como os homens brancos têm privilégio nesse sentido.

Na arquitetura e campo do design de interiores os “gênios” arquitetos foram imagens forjadas à margem de muitas outras pessoas na equipe, muitas vezes mulheres, dando a impressão que o seu trabalho se realizava individualmente. Verifica-se que o trabalho de criação possui um status quo muito maior, mas sem a produção, muitas vezes destinada às camadas mais desprivilegiadas, mulheres, pessoas não brancas e mais pobres - nada pára de pé. Sobre essa desigualdade a participante Isadora comentou no chat que:

"Como estudante de arquitetura, mesmo tendo muito mais mulheres do que homens, eu vejo que elas têm que se esforçar muito mais do que eles. No mercado de trabalho, se estamos sem maquiagem e sem acessórios já somos julgadas, temos que parecer da elite para sermos bem vistas enquanto aos homens não tem tanto isso. Eu falo como mulher cis branca, imagina para outras pessoas que se encaixam em outras minorias". (Isadora, em 26/10/22 on-line na sala do *Meet* para a Conversação P&D 2022)

Outros questionamentos referentes à espacialidade e divisão de classe, gênero e raça, surgiram, como foi o caso do comentário da Daniela, que pesquisa moda e cidades, e pontuou sobre a necessidade de analisar quem habita o centro e quem habita as periferias. Milena, que também é pesquisadora no campo da moda, comenta que é designer de moda, da Bahia, fez mestrado na USP, e que quando trabalhou na indústria, sentiu muito essa necessidade de provar que conhece muito sobre o assunto, apontou questões sobre assédios, e acabou passando para a área acadêmica porque na área de confecção é muito difícil, “sempre precisa dar mais do que é capaz”, por falta de confiança e reconhecimento. Milena salienta a importância de falarmos sobre nossas experiências, para percebermos que não estamos sozinhas.

Enquanto todo o trabalho de produção é realizado por mulheres racializadas, na área de criação e em cargos de liderança no campo da moda, a maioria é composta de homens brancos.

A moda se coloca como glamurosa, mas na realidade, a indústria e a confecção seguem com mentalidade escravocrata, pois o trabalho da costura, feito pelas mulheres, vem dessa contribuição da mão negra e de imigrantes no Brasil. Ainda não nos livramos dos sistemas operantes do capitalismo e do escravagismo, que exige um trabalho muitas vezes feito de domingo a domingo. Muitas vezes existe um horário para começar, mas não tem um horário para acabar. Neste ofício é possível enxergar as diversas opressões sob as mulheres racializadas e de classes mais pobres. Grazy, comenta no chat, que “na área da moda, que estudo e quero seguir nela, consideram a moda um lugar para mulher mas somente na hora da compra, já na hora de empreender é outra história”.

Muitas experiências foram abordadas nessa conversação como o trabalho das costureiras que não são reconhecidas socialmente e economicamente na sociedade e que é essencial para o mercado de moda. Existe o trabalho realizado pelas costureiras na indústria e no ambiente doméstico. A terceirização e a precarização do trabalho das costureiras, as mulheres trabalhando em casa, muitas vezes com a máquina de costura no quarto, tendo de cuidar dos filhos ao mesmo tempo, com muita dificuldade de manter a sua própria dignidade. O trabalho da costura doméstica, não proporciona ambiente adequado, não há ergonomia, não há iluminação adequada, e muitas vezes as costureiras se veem respirando a tintura do jeans, que vai direto ao pulmão.

5. Resultados obtidos

Os resultados obtidos serão divididos em dois aspectos, o primeiro sobre a conversação como um formato inovador dentro do P&D, analisando o que funcionou ou não. Segundo aspecto, analisar os resultados da discussão em si.

Em termos de participação, tivemos basicamente três grupos: aqueles motivados pela curiosidade sobre o tema; motivados pelo interesse em design de interiores e pelo interesse em Moda. Quase todas as e os participantes se apresentaram e contribuíram com algum depoimento ou comentário. Houve também, participação pelo chat. Compreendemos que as expectativas do e das participantes respondidas no questionário, demonstraram que estavam mais interessados em aprender sobre o tema da interseccionalidade nos campos do design de moda e interiores, do que compartilhar suas experiências.

Portanto, como um trabalho de explanação, na medida em que as que mais expuseram suas experiências no trabalho foram as proponentes, podemos concluir que como apresentação do conceito foi efetivo, mas como conversação e diálogo, não tanto.

Considerando que houveram 35 inscrições e apenas 10 participantes, é necessário compreendermos quais as formas de tornar os encontros mais participativos, talvez o formato online e o horário não tenha favorecido a presença de mais pessoas. Até mesmo as participantes presentes mencionaram atividades paralelas no momento da Conversação: uma participante comentou que estava em aula e não poderia abrir câmera e falar, outra estava no trabalho, uma outra pessoa, teve de sair na primeira hora do encontro, porque tinha compromisso.

De maneira geral os índices foram bem positivos pois 7 das 10 pessoas participaram ativamente trazendo comentários e relatando suas experiências. Houve maior participação no chat do que por vídeo e voz, as pessoas que ligaram suas câmeras e deram seus depoimentos eram conhecidas de uma das três facilitadoras da conversação, pode-se considerar que para um diálogo acontecer com um tema tão denso e delicado ligado à experiências pessoais, exige uma certa proximidade (de conhecimento) entre os participantes, para que se sintam à vontade.

Em relação ao objetivo geral da atividade, podemos dizer que foi atingido com êxito. Sobre os objetivos específicos, foram atingidos parcialmente. No objetivo 1 (Responder questionamentos referentes à dinâmica das relações de trabalho dentro desses campos) foi discutida a dinâmica das relações de trabalho nessas áreas e

compartilhados alguns questionamentos; No 2 (compreender quem são os indivíduos que criam e produzem dentro destas áreas), sobretudo as proponentes compartilharam suas experiências sobre produções na área e os participantes presentes interagiram; No 3 (Identificar onde estão as pessoas não-brancas do design de interiores e na cadeia produtiva da moda) foi abordado brevemente a partir das discussões e relatos de experiências; e no 4 (apontar alternativas para a mudança deste cenário) que não chegou a ser mencionado ou elaborado coletivamente.

O que podemos concluir sobre a participação, é que como se trata de depoimentos pessoais, talvez as e os participantes não quisessem se expor, principalmente sabendo que o encontro seria gravado. Talvez em um próximo encontro, seja importante dizermos que a gravação será para fins acadêmicos, e que os nomes não serão revelados, ou, não gravar e ter uma pesquisadora fazendo o trabalho de observação da conversação.

Outro ponto de reflexão e hipótese, é se por 60% das mulheres participantes serem brancas (6 mulheres brancas, 1 parda, 1 morena latina, 1 preta) influenciou para que não se sentissem no seu local de fala para mencionar raça, gênero e classe e suas experiências dentro da temática levantada. Pensamos isso com margem em algumas falas onde surgiram os verbos "aprender" e "ouvir", além de declarações no sentido de não terem nada a acrescentar no momento. Uma das mulheres participantes declarou que "adora quando os eventos são realizados por mulheres", mostrando uma satisfação de estar em grupo majoritariamente de mulheres, discutindo temas de interesse.

As proponentes desta Conversação foram três mulheres racializadas, uma negra, uma mulher parda e uma asiática. Entendemos que pensamos nesta discussão para falarmos de nós mesmas, para tentar fortalecer as discussões no campo do trabalho no design de moda e de interiores. Colocamos em questão como o pensamento patriarcal introjeta nas nossas mentes e relações, deslegitimando a capacidade das mulheres e dificultando sua inserção no mercado de trabalho por meio de vários fatores. Precisamos seguir questionando o quanto esses espaços e relações de trabalho são desiguais.

É necessário ficarmos atentas para não reproduzirmos os discursos patriarcais, de gênero, raça e classe e para isso, conforme pontua Oliveira (2021), é importante a utilização da interseccionalidade como método para a equidade, e colocarmos em prática o olhar que se incomoda com a ausência de representatividade nos lugares em que estamos, observar se há proporcionalidade nos campos de trabalho, e principalmente, se posicionar diante da dor do outro, compreendendo que nós não partimos do mesmo ponto.

6. Desdobramentos possíveis

A maioria dos participantes não conhecia o conceito de interseccionalidade ou tinham pouca familiaridade. Consideramos que este conceito pode ser melhor trabalhado e abordado dentro do campo do Design de interiores e da moda e do Design em geral. Pois é uma discussão importante na contemporaneidade e ajuda na elaboração de diversas questões sociais e políticas dentro e fora do campo.

Como desdobramentos possíveis, pensamos que o design precisa incluir essa discussão seja no conteúdo formal dos cursos de bacharelado em todas suas especialidades ou como atividades extracurriculares e espaços de discussão como foi esta atividade.

Por fim, nas próximas Conversações, refletiremos novamente, sobre as práticas e ensinamentos de bell hooks (2013), que em “Ensinando a Transgredir: educação como prática de liberdade”, defendeu uma pedagogia engajada, crítica e feminista, que estimule a participação das pessoas em sala de aula, com a finalidade de encontrarem suas próprias vozes. A autora coloca que compartilhar experiências pessoais, colabora no estabelecimento do compromisso coletivo de aprendizagem, ao confrontar as diferenças de gênero, raça e classe social.

7. Bibliografia

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019

BUCKLEY, Cheryl. **Made in Patriarchy: Toward a Feminist Analysis of Women and Design**. Source: Design Issues, v. 3, n. 2, p. 3–14, 1986.

CRENSHAW, Kimberlé. **Porque é que a interseccionalidade não pode esperar**. Disponível em: <<https://apidentidade.wordpress.com/2015/09/27/porque-e-que-a-interseccionalidade-nao-pode-esperar-kimberle-crenshaw/>>. Acesso em: 9 jun. 2022.

CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. 1989. Disponível em: <<https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?Article=1052&context=uclf>> Acesso em: 18 set 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FEMINISMOS PLURAIS. **Interseccionalidade**: Djamila Ribeiro e Carla Akotirene, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/KFncigGbDeE> . Acesso em: 02 dez. 2022

FLEXOR, Maria Helena Oxi. Os ofícios mecânicos e os escravos / Maria Helena Oxi Flexor. In: ARAÚJO, E. **Arte, adorno, design e tecnologia no tempo da escravidão**. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2013. p. 51-73.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, 1984, p.223-244.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**, Londrina, v. 01, n. 01, 2015.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça**: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social, [S. l.]*, v. 26, p. 61–74, 2014.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: Educação como prática de liberdade**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?** : mulheres negras e feminismos / bell hooks; tradução Bhuvli Libanio. - 8ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

LUGONES, Maria. **Colonialidad y Género**. *Tabula Rasa*, v. 9, p. 73–101, 2008.

OLIVEIRA, Karine. Aula 4 – **Interseccionalidade e Consubstancialidade**. Por que



lutamos? 2 - Feminismo no Séc XXI. 22 mar. 2021. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=bck7YpUo9_c&list=PLZOhQw6rxxr5_xpkCrpSfQBZIKOgenrUi&index=6>. Acesso em: 22 out. 2022

PARKER, Rozsika; POLLOCK, Griselda. **Old mistresses: women, art and ideology**.
2.ed. London/New York: Tauris, 2013.

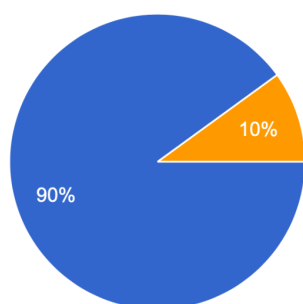
RARA, Preta-. **Eu, empregada doméstica**: a senzala moderna é o quartinho da
empregada. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

ANEXOS

Respostas ao questionário on-line para participantes

Em relação ao gênero, como você se identifica?

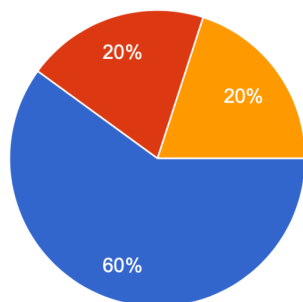
10 respostas



- Mulher Cis
- Mulher Trans
- Homem Cis
- Homem Trans
- Transmasculines
- Transfeminines
- Travestis
- Não-Binário
- Prefiro não informar

Qual a sua idade?

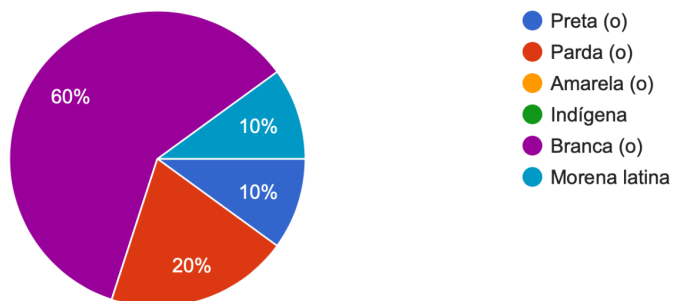
10 respostas



- 18-29 anos
- 30-41 anos
- 42-53 anos
- 54 anos ou mais

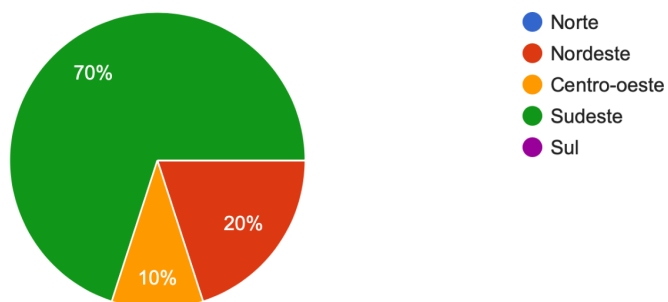
Como você se identifica?

10 respostas



Qual a região do Brasil você mora?

10 respostas



Qual é a sua profissão?

10 respostas

Empreendedora

Design de interiores

Designer gráfico e pesquisador

Designer de Acessórios

Estudante

Designer de Moda, Consultora de Imagem e Estilo e Pesquisadora

Docente e consultora

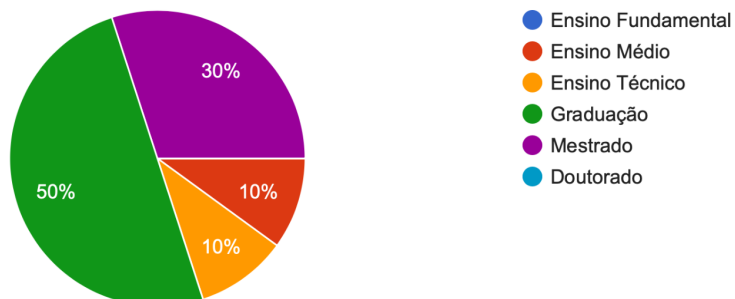
Publicitária

estudante de moda

Servidora Pública

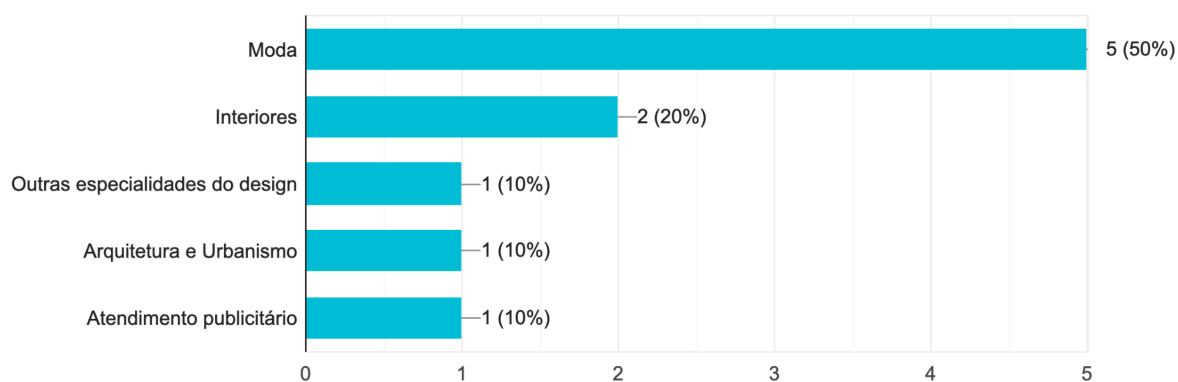
Qual sua última formação?

10 respostas



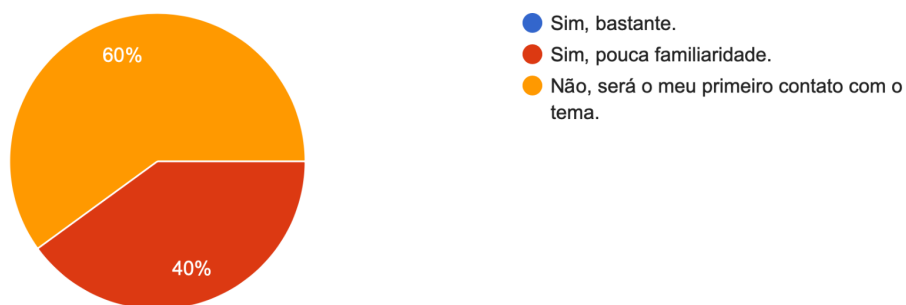
Atua em alguma dessas áreas profissionais?

10 respostas



Você possui alguma familiaridade com o tema da interseccionalidade?

10 respostas





Qual sua expectativa para a atividade?

7 respostas

Entender mais sobre

O aprendizado na área de design de interiores

Pelas participantes, será incrível.

Uma boa palestra

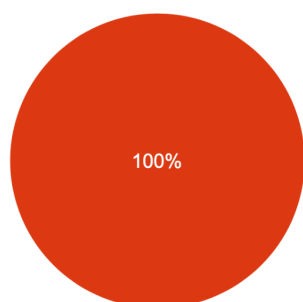
Mais conhecimento

Conhecer um pouco mais sobre o mercado de moda e interiores

Aprender

Você possui alguma deficiência?

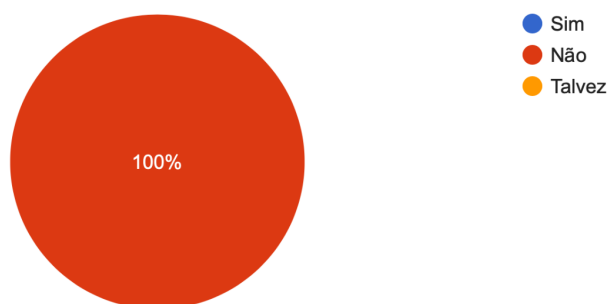
10 respostas



● Sim
● Não

Você vai precisar de alguma acessibilidade audiovisual para acessar a atividade?

10 respostas



Quer comentar, especificar?

1 resposta

Adoro quando os eventos são realizados por mulheres hehe

Obrigada pela sua resposta!

Gostaria de acrescentar alguma informação?

1 resposta

Não